

Presidente adverte os sem-teto

Fernando Henrique diz que o GDF está alerta e que o Governo não vai tolerar novas badernas

O presidente Fernando Henrique Cardoso advertiu ontem os sem-teto - que prometem reunir seis mil pessoas numa manifestação em Brasília, na semana que vem - para que evitem a bagunça, como invasões de prédios públicos, e respeitem a lei. "Toda a manifestação é livre, mas habitação não se ganha no grito", declarou ontem em entrevista à Rádio Gaúcha, de Porto Alegre. Durante a entrevista, Fernando Henrique acrescentou que "o governador de Brasília, Cristóvam Buarque, já está bastante alerta, sabe qual é a minha vontade e essa vontade não é minha, é da lei. Manifestação é livre, mas bagunça é zero". "Bagunça não significa manifestação, falar, pedir, criticar, as bobagens que dizem a meu respeito - tudo bem, isso faz parte da democracia. Mas entrar num prédio, destruir e desmoralizar a autoridade, isso não é possível. Não ajuda a resolver os problemas", acrescentou.

Na opinião do Presidente, "ninguém cria habitação fazendo isso (bagunça). Isso cria liderança política de terceira categoria. Depois, os líderes vão disputar uma cadeira de deputado e quando chegam no Congresso, desaparecem porque não têm competência. É o que acontece muito frequentemente". Fernando Henrique insistiu que "toda a manifestação é livre, desde que não façam o que fizeram na última vez, quando fiquei indignado". O Presidente revelou que, se tivesse poder para isso, "teria chamado a polícia e prendido todos os invasores do ministério (do Planejamento)", o que não pode fazer porque a polícia do Distrito Federal

é subordinada ao governador. "Todos os que entram para destruir ou para ocupar prédios públicos não estão colaborando com os movimentos sociais. Estão simplesmente desobedecendo a lei e a lei tem de ser mantida", insistiu.

Na questão da reforma agrária, o Presidente revelou que vai reassentar 280 mil famílias de sem-terra até o fim do seu

O Governo é comandado por mim e não pela cúpula do PFL, como disse o senador Pedro Simon

governo e que criará novos mecanismos, como o Banco da Terra, para garantir o acesso da população ao campo, sem que isso signifique necessariamente desapropriar. O Presidente defendeu um "mutirão nacional" em favor da reforma agrária "e não uma guerrilha mental". Ele se mostrou favorável à "descentralização dos assentamentos", que passariam a ser feitos por Estados e municípios, de forma mais barata.

Reeleição - Na entrevista, depois de considerar "encerrada" a questão da re-

eleição e que agora se deve trabalhar pelo Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso revelou que o atual vice-presidente Marco Maciel continuará na sua chapa presidencial para 1998: "Se depender da minha vontade, fica".

Fernando Henrique frisou que "o Governo é comandado por mim" e não pela cúpula do PFL, contestando a afirmação do senador Pedro Simon (PMDB-RS), o que havia provocado um acirrado debate na véspera do parlamentar gaúcho com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). "O PFL tem, ao que me lembre, tem os ministérios da Previdência e do Meio Ambiente, assim como outros partidos possuem outros ministérios. Quem se incomoda são outros líderes no Congresso porque os do PFL são experientes", acrescentou o Presidente, numa entrevista telefônica à Rádio Gaúcha e à RBS TV, em Brasília.

O Presidente disse ainda que o ministro das Comunicações, Sérgio Motta "nunca foi meu porta-voz". Segundo Fernando Henrique "o ministro Motta tem personalidade política forte dentro do PSDB. Assim como os de outros partidos com personalidade política forte, existem por eles próprios. A toda hora vejo que dizem que quando o Presidente quer, fala pelo ministro Motta. Quando eu quero, falo com qualquer ministro, depende de qual a área". O Presidente lembrou que "Sérgio Motta faz um extraordinário trabalho como ministro das Comunicações e agora temos licitação, comissão, transparência".

PRINCIPAIS PONTOS DA ENTREVISTA

Luis Eduardo - O deputado Luis Eduardo Magalhães é o líder do Governo na Câmara dos Deputados e o ministro Sérgio Motta irá ajudá-lo, como outros ministros também ajudarão, com um bom desempenho na pasta e obviamente defendendo o Governo.

Ministérios - Quanto as mudanças do ministério devido a candidaturas de alguns ministros, Fernando Henrique disse que não quer ter ministério flutuante. "No fim do ano alguns ministros vão me dizer que vão ou não ser candidatos. Os que forem candidatos, se afastam".

Compra de votos - Sobre as denúncias da compra de votos de parlamentares para que votassem a favor da reeleição e de um suposto envolvimento do seu ministro das Comunicações, o Presidente disse que as acusações foram feitas por "um anônimo, que todos dizem saber quem é mas eu não sei. Fez afirmações e referências vagas". Fernando Henrique contrapôs: "nestes anos, infelizmente, nem o Estado do Acre nem o Estado do Amazonas receberam qualquer recurso do Governo federal. Se houver alegação (de destinação de recursos), é falácia". Por tudo isso, ele entende que a questão da reeleição, já aprovada pelo Congresso, está encerrada.

Pedro Simon - Fernando Henrique criticou o senador Pedro Simon por ter lhe sugerido que fizesse proposta ao Congresso Nacional a fim de que houvesse um referendo popular junto ao projeto da reeleição. "O senador Simon estava muito ocupado em fazer críticas ao Governo e não leu a Constituição e não teve tempo de pensar melhor nas funções do Congresso". Segundo explicou, o artigo 49, inciso 5º da Constituição, estabelece a competência privativa do Congresso Nacional propor referendo e plebiscito. "Não posso, como presidente, propor nada disso. Como ele quer

que eu atropelo agora o Congresso Nacional?", questionou.

Desincompatibilização - Sobre as dúvidas da desincompatibilização dos governantes na reeleição, lembrou que houve consulta do senador Freitas Neto ao TSE para que decida a questão e que irá aguardar a definição jurídica.

Esquerdas - O presidente da República rejeitou interpretações das esquerdas brasileiras de que poderão vencer as eleições presidenciais do próximo ano, na sequência das vitórias da esquerda na Inglaterra e França. Disse que parte das esquerdas brasileira está perdida. "Não sabe do que se trata, nem tem ideia do que aconteceu na sociedade. Nem aqui nem lá fora. E ficam insistindo em temas que não são verdadeiros. Não acredito que o mercado deva ser o senhor da razão e da política. Não sou favorável a que o mercado prime sobre a política ou sobre o Estado. Estamos refazendo o Estado em benefício da população para um sentido social verdadeiro e não demagógico".

Neoliberalismo - O Presidente não aceita "o epíteto de neoliberal", pois busca uma "forma mais eficaz" da ação do Estado. "A minha posição é muito equilibrada, em ampla medida coincide com o Tony Blair, às vezes vai um pouco mais longe que as propostas dele. A França é uma situação mais complicada, mas o novo primeiro ministro é um europeísta. Conversei muito com o Tony Blair na Inglaterra. Se eu fizesse aqui no Brasil o que ele está propondo e fazendo lá, diriam que eu era ultra neoliberal. O Tony fez o que nenhum conservador na Inglaterra fez lá: deu autonomia ao Banco da Inglaterra, o Banco Central, com a moeda nas mãos dos técnicos. Meu governo é mais à esquerda do que o proposto pelo Tony Blair".